

## O CONCEITO DE SEXO BIOLÓGICO EM UMA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

### EL CONCEPTO DE SEXO BIOLÓGICO EN LA FORMACIÓN DOCENTE CONTINUA

**João Rodrigo Santos da Silva**

Universidade Federal do ABC (UFABC)

[joao.rodrigo@ufabc.edu.br](mailto:joao.rodrigo@ufabc.edu.br)

#### RESUMO

O sexo biológico é marcado historicamente por um binarismo que divide a nossa sociedade em macho e fêmea. Este trabalho nasce de uma formação continuada de professores, com o objetivo de explorar especificamente a definição do que é sexo biológico e como esse conhecimento escolar é difundido. Em grupos, os professores apresentaram diferentes versões para explicar o sexo biológico. Os dados indicam desde uma manutenção do binarismo à ampliação do debate para outros sexos e até incompletudes corpóreas. Assim, demarca-se a importância de implementar e promover uma formação continuada de professores para que os conceitos se amplifiquem na sociedade.

**Palavras-chave:** corpo biológico; sexo biológico; concepção de professores; binarismo.

**Eixo temático:** 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia.

**Modalidade:** pesquisa acadêmica.

#### RESUMEN

El sexo biológico está históricamente marcado por un binario que divide nuestra sociedad en masculino y femenino. Este trabajo surge de la formación continua del profesorado, con el objetivo de explorar específicamente la definición de qué es el sexo biológico y cómo se difunde este conocimiento escolar. En grupos, los profesores presentaron diferentes versiones para explicar el sexo biológico. Los datos indican de todo, desde el mantenimiento del binarismo hasta la expansión del debate a otros sexos e incluso la incompletitud corporal. Así, se destaca la importancia de implementar y promover la formación continua docente para que los conceptos sean amplificados en la sociedad.

**Palabras clave:** cuerpo biológico; sexo biológico; diseño docente; binarismo.

**Eje temático:** 7. Inclusión e interseccionalidades en la enseñanza de Ciencias y Biología.

**Modalidad:** investigación académica.

## APRESENTAÇÃO

Este texto nasce de uma construção formativa e de uma ação desenvolvida com professores em formação continuada. A proposta é discutir e entender as representações do que é o sexo biológico. A partir do debate e de uma definição de sexo biológico específica, os professores foram orientados a apontar caminhos para entendimentos do que representa o sexo biológico e de como essas construções sociais e científicas se correlacionam ou não com o conhecimento sobre corpos, sexo e gênero e suas performatividades e representações.

## O CONCEITO/DISCURSO BIOLÓGICO

A biologia cria uma imagem de maturação da ciência alimentada por muitas questões históricas. Para discutirmos como o conhecimento biológico foi ‘descoberto’, é importante relatar algumas construções dentro das ‘descobertas’. A biologia surge de um processo descritivo, caracterizando – rotulando – os seres e as coisas ao seu redor. Dentro dessa descrição, tudo recebe um nome (Schiebinger, 1998).

O conhecimento biológico nos apresenta que os humanos deixaram de ser quadrúpedes e passaram a ser *mammalia*. Mammalia é a única classe ligada a um órgão reprodutivo e coloca a mulher mais próxima dos demais animais (através da amamentação). Essa terminologia promoveu um sexismo de poder entre o masculino e o feminino (Schiebinger, 1998). Com isso, o que é o biológico? Santos (2000) situa a biologia como um discurso, não o próprio mundo vivo; é uma narrativa, descrição através dos olhos de um ser vivo. Toda Ciência é uma tradução/interpretação (experimental ou empírica) através dos olhos de um ser vivo. Assim, todos os seres definidos biologicamente como humanos conseguem ver com as mesmas ferramentas e, se orientados ou direcionados, enxergam pelo mesmo prisma. Marin (2019) relembra que a biologia tinha uma intencionalidade em ser neutra e objetiva, contudo, o contexto histórico sempre fez parte da construção do conhecimento científico.

Nesse sentido, destaca-se que a produção científica, e não muito longe disso as ciências biológicas, sempre esteve representada pelo posicionamento de homens, brancos, heterossexuais, positivistas e de elite. O conhecimento nasce diante desse sexismo. E por que não importar isso para as definições biológicas? A regulação dos sexos – e o

binarismo – ocorre quando os dois sexos são estabelecidos biologicamente e assumem papéis socioculturais (Schiebinger, 1998; Louro, 2016).

Para Foucault (2014), a biologia se baseia e constrói um corpo padrão, normal ou ideal e os corpos que não se enquadram nesse padrão são exceções, anomalias, estranhos ou doentes. Assim, o sexo biológico ganha uma identidade: seu sexo e o sexo oposto. O sexo biológico dos seres vivos pode ser apresentado sob diferentes perspectivas. As plantas, por exemplo, podem ser masculinas, femininas ou hermafroditas e muito que se conhece em suas descrições são plantas dioicas e monoicas. As plantas são aceitas apresentando ambas as definições sexuais – masculina e feminina – no mesmo ser (Santos, 2000). E quanto aos animais? E quanto aos seres humanos?

Mas qual seria o sexo biológico da espécie humana? Marin (2019) aponta que quando mobilizamos conhecimentos biológicos sobre o corpo processamos significados binários que excluem outros significados. O binarismo sexual está incorporado nos discursos sobre as definições de corpos e sexo. Santos (2012) apresenta o que é considerado normal: homens que possuem cromossomos XY, pênis, testículos, características sexuais secundárias como barba e massa muscular; mulheres que possuem cromossomas XX, vagina, clitóris, ovários, sistema que permita o desenvolvimento fetal, características sexuais secundárias como desenvolvimento de quadris e mamas, e escassa pilosidade facial. Nesse contexto, os indivíduos que não reúnam harmonicamente essas características são considerados dentro de alguma anormalidade patológica.

É importante ressaltar que corpos fora desse binarismo sempre existiram. Para Aristóteles, o hermafroditismo era a condição de existência de um sexo extra, não funcional, que se somava como se fosse um tumor ao verdadeiro sexo funcional. Já para Platão, sempre foram três sexos, mas o intersexo desapareceu com o tempo. Fausto-Sterling (1993) aponta que somente nos anos 50 os pesquisadores médicos reconheceram o conceito do corpo intersexual. No entanto, a literatura médica padrão usa o termo intersexo como uma unificação de três subgrupos principais com alguma mistura de características masculinas e femininas. A autora defende que esses três subgrupos são, na verdade, sexos, além do masculino e feminino. São eles: os chamados hermafroditas verdadeiros (*herms*), que possuem um testículo e um ovário (os espermatozoides e vasos produtores de ovos, ou gônadas); os pseudo-hermafroditas masculinos (*méritos*), que têm testículos e alguns

aspectos da genitália feminina, mas sem ovários; e os pseudo-hermafroditas femininos (*fermas*), que têm ovários e alguns aspectos da genitália masculina, mas não têm testículos. A autora ainda destaca que, em alguns hermafroditas verdadeiros, os testículos e o ovário crescem separadamente, mas bilateralmente; em outros, eles crescem juntos dentro do mesmo órgão, formando um ovo-testículo.

Contudo, Fausto-sterling (2002) destaca que a aceitação do intersexo é uma forma de normalizar o sistema biológico em classificações. Desse modo, o sexo pode ser ajustado tanto para o masculino quanto para o feminino – esse ajuste é por meio de uma intervenção cirúrgica. A autora também aponta que os corpos hermafroditas, ainda assim, não são corpos disciplinados. Não existe um padrão de desenvolvimento que determine como será a/o jovem hermafrodita.

Assim, a sexualização determina e fixa o corpo social. Butler (2003) sugere que olhemos para o corpo como um sistema que, simultaneamente, produz significados sociais e é produzido por eles, exatamente como qualquer organismo biológico sempre resulta das ações simultâneas e combinadas de natureza e criação. A autora destaca que o sexo não está relacionado com a natureza/o natural. O sexo é também um meio discursivo e cultural no qual um sexo natural é produzido e estabelecido no discurso social. Butler (2019) chamará isso de performatividade de corpos.

Em relação à definição do sexo, a biologia tornou o sexo dicotômico e classificou os diferentes corpos como corpos anormais, doentes ou malformados. A sexualidade ganhou normas e métricas para padronizar os corpos. Nesse cenário, o poder masculino (biopoder) ganha representação nesses padrões, impondo um discurso regulador e normatizador sobre os corpos como âncora de identidade (Louro, 2016). Discurso esse ainda fundamentado nas práticas escolares e na formação de professores (Díaz Villa; Morgade; Román, 2011).

As autoras – Díaz Villa, Morgade e Román (2011) – destacam que a maioria das formações de professores reforça o conhecimento biologista, na qual a anatomia, a fisiologia e a reprodução dão sentido ao corpo biológico. Dessa forma, as formações giram em torno das questões já estabelecidas academicamente, as quais são reiteradas nos discursos formativos. Esses reforços em relação ao corpo sexual se relacionam às questões de prevenções à saúde, aos corpos masculino e feminino em desenvolvimento –

disciplinarização dos corpos, às exceções ao binarismo, que podem ser entendidas como anormalidades ou anomalias e já foram tratadas como doenças. Nessas formações, o corpo é definido pelo conhecimento científico/biológico. Assim, as autoras apontam para um reforço dominante da biologia e da reprodução. Nessa perspectiva, Foucault (2014) observa que há uma repetição dos discursos normativos que funcionam como dispositivos de poder sobre a sexualidade, com o corpo biológico determinando o sexo.

É importante reconhecer que as relações sociais fazem parte desse simbolismo que representa o corpo, o gênero e a sexualidade selecionados e privilegiados pelos discursos acadêmicos (Marin, 2019). Um exemplo dessas noções é apontado por Marin (2019): o corpo é sempre representado em livros didáticos por um corpo branco, geralmente de homem, enquanto a mulher só aparece quando se trata da reprodução, anatomia e fisiologia. Esses livros funcionam como ferramentas de exclusão ao abordar síndromes e anomalias biológicas dos corpos. Portanto, nesse contexto, os professores desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento, das representações e das invenções na escola (Díaz Villa; Morgade; Román, 2011).

## O CAMINHO DE PESQUISA

Este trabalho surge através de uma formação continuada de professoras<sup>1</sup> sobre Educação científica, Sexualidade e Gênero, ocorrida em 2019. O curso atendeu professoras de diferentes formações e níveis escolares, pois a proposta era que todas tivessem a possibilidade de discutir esses temas. Participaram do curso 70 professoras de diferentes faixas etárias e de todos os níveis escolares da educação básica da região metropolitana de São Paulo. Dentre elas, 48 participantes assinaram o termo de consentimento livre esclarecido, autorizando a coleta de dados deste estudo. O curso consistiu em cinco encontros presenciais, além de atividades realizadas à distância e nos encontros.

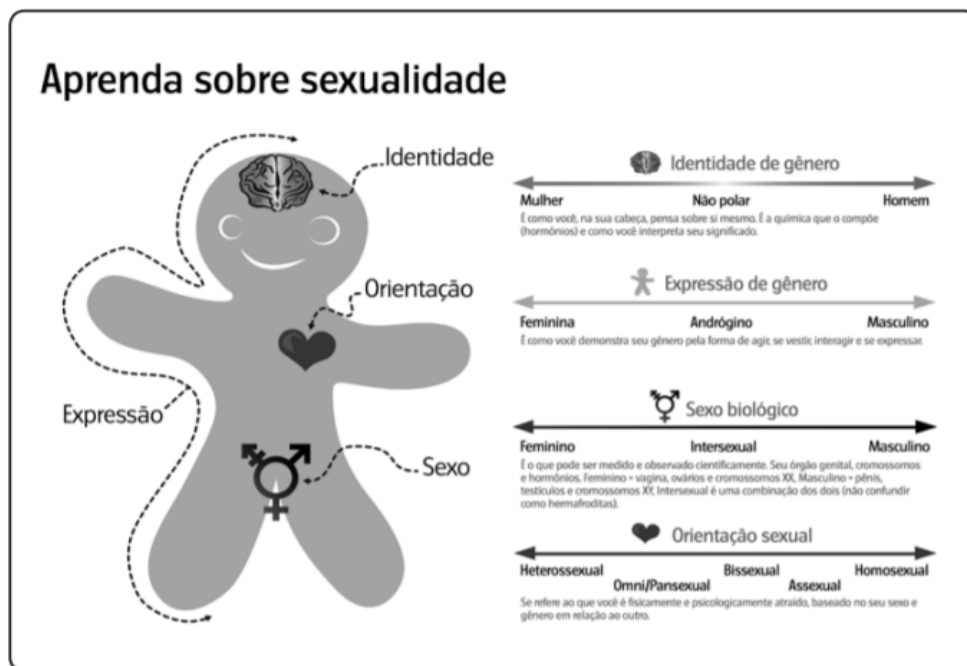
Nesse curso breve, tínhamos uma aula sobre a biologia, o sexo biológico e as definições subsequentes desse conhecimento. A proposta dessa aula se estruturou nas referências de Fausto-Sterling (1993), Schiebinger (1998), Santos (2000) e Santos (2012). A aula se iniciou com uma sondagem geral sobre o que é sexo biológico e, a partir disso, utilizou-

---

<sup>1</sup> Será utilizado o feminino de propósito.

se uma figura muito conhecida, embora o *site* que a criou não a utilize mais nessa versão específica<sup>2</sup> (Fig.1).

**Figura 1:** Figura representativa utilizada para ensinar sobre sexualidade (focamos exclusivamente o conceito de sexo biológico)



Fonte: Adaptado do site <<http://itspronouncedmetrosexual.com/2012/01/the-genderbread-person/>>

Fonte: Wolff e Saldanha, 2015.

O texto do qual retiramos essa tradução utiliza a figura do mesmo modo que usamos aqui, de forma ilustrativa para reconstruir o conhecimento sobre sexualidades e gênero (Wolff; Saldanha, 2015). No nosso caso, utilizamos essa figura para discutir como os professores podem reconhecer ou não diferentes sexos para além do binarismo masculino e feminino.

A partir disso, iniciamos uma desconstrução ou um outro olhar através de outros referenciais. Introduzimos outros seres humanos fora do binarismo macho e fêmea, abordando inclusive a questão cromossômica. Durante o debate, o curso apresentou exemplos e histórias sobre intersexos, conforme Dreager (1998) e Fausto-Sterling (2002). Ao final da exposição, retomamos a Figura 1 e questionamos: a descrição do sexo biológico está correta? A partir dessa definição, foram construídos os seguintes

<sup>2</sup> A versão que o *site* utiliza já é a v3.3. Estamos usando uma versão inicial que foi bastante difundida nos meios educacionais por ter uma representação básica de diferentes questões relacionadas à sexualidade e ao gênero.

questionamentos: podemos usar tal descrição para o sexo biológico e incluí-la em uma cartilha? Está correto? Você reformularia essa legenda/descrição<sup>3</sup>? Como? Em grupos, as professoras construíram uma nova descrição ou justificar a manutenção daquela.

A análise de dados foi realizada utilizando a análise de conteúdos de Bardin (2011), na qual as categorias encontradas foram baseadas em uma pré-análise dos dados dos grupos, seguida pela exploração do material e interpretação dos dados e seus conteúdos. Por ser um trabalho qualitativo, todas as categorias são tratadas como importantes, visto que oferecem uma perspectiva e um conteúdo relativos ao debate.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

As professoras se agruparam e, dentro das possibilidades concedidas pelas que assinaram o termo de consentimento, formaram 12 grupos categorizados da seguinte forma: 1) O que tem no texto está bem representado. 2) A inclusão de uma descrição do intersexo. 3) O corpo real. 4) O sexo biológico e social.

O primeiro grupo de respostas aponta para o conhecimento biológico e científico num modelo já estabelecido. Apresenta um processo hegemônico da tradicionalidade na definição do masculino e feminino com base na biologia. Dois grupos apontaram essa resposta. O primeiro deles acha a figura totalmente adequada, ressaltando que a legenda representa bem a imagem: “Consideramos que a imagem define bem todos os termos. O texto exemplifica o sexo biológico ‘casando’ com a imagem.” O segundo grupo sugeriu uma reorganização das informações, mas sem mudança de conteúdo, o que reforça o conhecimento biológico binário e tradicional:

“Por ser uma forma de comunicação objetiva, a legenda deve apresentar informações breves e claras. O assunto sexualidade é complexo e demanda mais abrangência para que seja mais bem definido. Mudaria a organização das informações textuais, mas os conteúdos permaneceriam.”

Nesse contexto, Foucault (2014) e Louro (2016) destacam a manutenção do sistema binário como padrão e que essa ‘vigilância’ está dentro da sociedade. Assim, os corpos não padrões não devem ser inclusos na descrição do sexo biológico.

---

<sup>3</sup> Legenda/descrição da figura: “É o que pode ser medido e observado cientificamente. Seu órgão genital, cromossomos e hormônios. Feminino = vagina, ovários e cromossomos XX; Masculino = pênis, testículos e cromossomos XY; Intersexual é uma combinação dos dois (não confundir como hermafrodita).”

A formação abordou bastante o conceito de sexo biológico construído e a intencionalidade de não incluir inicialmente o intersexo. Sete grupos exploraram essa questão de que embora a imagem represente o intersexual no intervalo do feminino e masculino, ele não é descrito diretamente. Esses grupos fizeram referência à inclusão. Um deles citou os termos adotados pela Fausto-Sterling (1993): “Para nós a legenda deveria ser modificada, pois o conteúdo que está entre parênteses encaixa-se na intersexualidade, e acrescentaria os conceitos de: meritos, herms, fermas.” Outros dois grupos reforçam a ideia de lista de itens para definição do sexo biológico e acrescentam o intersexo; em um deles, o sexo masculino foi mencionado a título de comparação:

“[...] é o que pode ser medido e observado cientificamente, possuindo uma ou mais características: órgãos, genital, gonadal, cromossomos e hormônios. Feminino: vagina, ovários, cromossomos xx, hormônios. Sem nenhuma característica do masculino; Masculino: pênis, testículos, cromossomos xy, hormônios. Sem nenhuma característica feminina; Intersexual: possui pelo menos uma característica do feminino e do masculino.”

“Discordamos da legenda. Pois, o sexo biológico pode ser definido observando combinações de órgãos genitais, gonodais, hormônios e cromossomos. O sexo feminino é caracterizado por: vagina, ovários, cromossomos xx. Mas também existem variações dessas características em que o indivíduo pode ser considerado do sexo feminino sem caracterizado como intersexual, por exemplo, não ter vagina ou ovários. Outro exemplo, é que podem haver variações do cromossomo como x, xxx ou xxxx que ainda definem o corpo como feminino. A mesma comparação pode ser feita com o sexo masculino. O intersexo pode ser uma combinação variada de ambas, pode-se internamente ter expressão do sexo feminino e por fora masculino e vice-versa.”

Houve um conflito de significado do termo hermafrodita com o intersexo. Um dos grupos sugere a criação de uma nova figura que explique o hermafrodita: “acrescentaria uma imagem criando o hermafrodita; separaríamos o intersexo dessa imagem do hermafrodita.” Em relação à terminologia hermafrodita, alguns grupos se expressaram da seguinte forma:

“A legenda de sexo biológico pode ser mudada pois não condiz com todas as possibilidades que vimos hoje, o sexo biológico não está ligado somente aos cromossomos e a formação de órgãos (como foi apresentada), mas também os hormônios, como eles agirão no desenvolvimento, inclusive físico/formação da pessoa. A descrição dos sexos poderia ser mais abrangente e melhor desenvolvida e a questão da hermafrodita abordada neste ‘tópico’ também.”

“A biologia classifica como masculino, feminino ou intersexo, partindo desse ponto de vista, o hermafrodita é um intersexo, pois não se encaixa em nenhuma das duas outras classificações. Analisando dessa maneira, a legenda está errada, pois nessa visão o hermafrodita é um intersexo.”

“A imagem retrata homens, intersexo e mulheres e deixa claro que o intersexo é a combinação dos dois (homens/mulheres) deixando de fora o hermafrodita, por isso acrescentaria algo para identificar os hermafroditas. Como na biologia a evolução é mudança e não um processo, a sociedade tem que se preparar para as mudanças biológicas e para aceitá-las.”

O conflito de terminologia fica mais claro nesses dois últimos depoimentos. Para um deles, a hermafrodita é um intersexo, e para outro, a hermafrodita é diferente do intersexo. Portanto, fica claro que esse tema precisa ser explorado tanto na formação continuada de professores quanto no debate escolar sobre o assunto.

Uma característica interessante apresentada por um grupo não veio de sua descrição, mas sim de sua observação sobre o corpo real. “Qual o corpo e quais corpos são reais mesmo dentro dessas representações e observações?” Esse grupo considera uma versão de corpos reais e que as definições fazem parte de um contexto representativo que não é uma tabela a ser preenchida. Esse grupo trouxe para a discussão o seguinte: “se a mulher tira o ovário deixa de ser mulher?” Numa perspectiva de debate que se aproxima de textos da Butler (2003, 2019), destaca-se a visão de corpos ainda dentro dessas representações, mesmo que não apresente/preencha todos os requisitos. Em corpos que importam, Butler (2019) acrescenta que o ‘sexo’ trabalha de forma performativa para construir a materialidade dos corpos, o sexo dos corpos. Assim, o grupo iniciou com uma descrição formal que separava fêmea, macho e intersexual e concluiu com uma observação:

“[...] o sexo biológico é o que pode ser observado cientificamente. Fêmea – órgão genital (vagina), cromossomo xx, ovários, hormônios (estrógeno e progesterona); Macho – órgão genital (pênis), cromossomo xy, testículos, hormônio (testosterona); Intersexual – Agregam uma ou mais características de macho e fêmea. OBS.: não é necessário ter todas as características citadas para ser considerado fêmea ou macho.”

Três grupos trouxeram algum elemento social para a definição do sexo biológico. O primeiro deles substituiu ‘sexo’ por ‘gênero’ na escrita, usou terminologia biológica para animal e determinou alguma fluidez quanto às definições, ao mesmo tempo que determinou os dois extremos – macho e fêmea:

“[...] é o que pode ser medido e observado cientificamente considerando o órgão genital, os cromossomos e os hormônios. Nos humanos: macho (pênis, testículos, cromossomos xy e hormônios), fêmea (vagina, ovários, cromossomos xx e hormônios) e intersexual (possibilidade de pênis, testículos, vaginas, ovários, hormônios). Consideramos que existe uma gama de espectros de gênero e diversas definições sobre o que é ser homem e ser mulher dentro de uma sociedade.”

Os outros dois grupos já iniciaram destacando o determinismo e o simplismo da classificação proposta na figura. Ressaltaram o binarismo tradicional da biologia, mas se diferenciaram na proposta. Um deles se contradisse nas proposições de termos e voltou a apresentar definições de grupos, sem, no entanto, descrevê-los. O outro propôs oferecer informações de modo menos limitante em relação ao sexo biológico.

“A legenda é muito ‘simplista’ para explicar a diversidade presente no sexo biológico. É uma legenda ‘binarista’, que engloba as variáveis presentes no intersexo. O termo feminino e masculino envolve valores culturais/sociais. Definiríamos talvez com sexo macho; fêmea; intersexo: hermafrodita real, pseudo-hermafrodita masculino e pseudo-hermafrodita feminino.”

“A legenda traz dados genéricos, binaristas e deterministas. Considerando que trata-se de uma cartilha sobre orientação sexual é compreensível que seja posto de maneira didática, porém, é necessário pensar em colocar as informações de forma não limitante sem considerar a complexidade da diversidade biológica.”

Destaca-se nesses últimos pontos que houve uma reflexão da ação formativa na construção das ideias, assim como na definição biológica do que é científico, implicando no conceito do que é o sexo de cada indivíduo. Por ser uma informação sexual com uma definição já difundida e estabelecida dentro da sociedade, esse discurso acaba performando e sendo trabalhado dentro do conhecimento biológico e do corpo biológico que é representado/materializado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar o discurso de professores nos permite amostrar o pensamento social e como essa representação de pessoas pode trazer diferentes percepções do sexo biológico. Vale ressaltar o viés presente nessa coleta, a qual nasce em uma formação que discute o tema. Ao explorarmos questões como o conceito de hermafrodita e os intersexos possíveis, trouxemos questões e conhecimentos que podem não ter feito parte do espectro formativo anterior dessas professoras.

Outro aspecto relevante é considerar o que é resposta certa e o que corresponde ao conhecimento biológico – tanto o apresentado quanto o já estabelecido. Nesse sentido, nas falas dos grupos, nota-se uma aproximação das professoras com o debate. A sensibilização a respeito do “se retirar o ovário deixa de ser mulher” traz uma representação que remete ao que se passa a ser em relação ao sexo biológico e o que seu corpo vai representar na sociedade. Cabe então a pergunta: para qual corpo é relevante essa definição biológica de sexo?

Para responder a essa pergunta, é crucial retornar aos estudos teóricos e práticos que exploram como a nossa sociedade ainda se divide e se baseia no sexo biológico para performar. Portanto, espera-se que este trabalho possa reforçar a necessidade de mais espaços formativos de professores, para se ter um alcance maior do debate e de como essa definição implica em papéis sociais pré-estabelecidos.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. tradução Luis Antero Reto. Augusto Pinheiro. 2º reimp. da 1º edição. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 edições/crocodilo edições. 2019.
- DÍAZ VILLA, G.; MORGADE, G.; ROMÁN, C. Currículo, género y sexualidades según las Ciencias Biológicas escolares. **Revista de Educación en Biología**, Córdoba, v. 14, n. 2, p. 30-35, 2011. DOI: <https://doi.org/10.59524/2344-9225.v14.n2.22331> Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/revistaadbia/article/view/22331> acessado em: 03 de abril de 2024.
- DREGER, A., When Medicine Goes Too Far in the Pursuit of Normality, **The New York Times**, July 28, 1998. Disponível em <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/library/national/science/072898sci-essay.html>. Acesso em: 02 de abril de 2024
- FAUSTO-STERLING, A. The Five Sexes: Why Male and Female Are Not Enough, **The Sciences**, março/abril, 20-24 1993. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/368714235\\_The\\_Five\\_Sexes\\_Why\\_Male\\_and\\_Female\\_are\\_not\\_Enough](https://www.researchgate.net/publication/368714235_The_Five_Sexes_Why_Male_and_Female_are_not_Enough). Acesso em: 03 de abril de 2024.
- FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 17/18, p. 09-79, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Lc9fctDNd8ZxKnkvRJtJwDH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 de abril de 2024.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Paz e terra: São Paulo. 2014.
- LOURO, G. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.

MARIN, Y. A. O. Problematizando o discurso biológico sobre o corpo e gênero, e sua influência nas práticas de ensino da biologia. **Rev. Estud. Fem.** vol.27, n.3, 2019. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356283>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n356283>. Acesso em 03 de abril de 2024.

SANTOS, A. “Um sexo que são vários. A (im)possibilidade do intersexo enquanto categoria humana.” **Master’s Thesis in Feminist Studies, Faculty of Arts and Humanities**, University of Coimbra. 2012.

SANTOS, L. H. S. A Biologia tem uma história que não é natural. *In*: COSTA, M. V. **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000, p. 229-256.

SCHIEBINGER, L. Mamíferos, primatologia e sexologia. *In*: PORTER, R. (ORG.); TEICH, M. (ORG.); **Conhecimento sexual, ciência sexual: A história das atitudes em relação à sexualidade**. São Paulo: UNESP; 1998. 482p.

WOLFF, C. S.; SALDANHA, R. A. Gênero, sexo, sexualidade Categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**: Brasília. Florianópolis, v. 9, n. 16, pp. 29-46. 2015. DOI: <https://doi.org/10.22420/rde.v9i16.482>. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/482>. Acesso em: 24 out. 2018.